

RELATOS
DA
PANDEMIA



ORGs.

GRACIENE SIQUEIRA
HELLEN PICAÑO
MARCELO RODRIGO

RELATOS DA **PANDEMIA**



ORGs.
GRACIENE SIQUEIRA
HELLEN PICAÑO
MARCELO RODRIGO



UFAM



Pró-Reitoria de Extensão

PROEXT/UFAM



ICSEZ/UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Prof.º Dr. Sylvio Mário Puga Ferreira
Reitor

Prof.º Dr. Jacob Moisés Cohen
Vice-Reitor

Prof.º Dr. David Lopes Neto
Pró-Reitor de Graduação

Prof.º Dr. João Ricardo Bessa Freire
Pró-Reitor de Extensão

Prof.ª Dra. Maria de Nazaré de Lima Ramos
Diretora Depto. Programas e Projetos de Extensão Universitária - DPROEX

Prof.ª Dra. Cláudia Guerra Monteiro
Diretora do Departamento de Políticas Afirmativas – DPA

Prof.ª Ms. Almir Oliveira de Menezes
Diretor Depto. Acompanhamento e Avaliação de Impacto das Ações de Extensão Universitária – DEAA

Prof.º Paulo Ariston de Almeida Ramos
Diretor do Departamento de Articulação e Planejamento da Extensão - DARPEX

Comitê de Extensão ICSEZ-UFAM Parintins
Coordenadora: Prof.ª Dra. Valmiene Sousa
Vice-coordenadora: Prof.ª Dra. Maria Audirene Cordeiro

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA - ICSEZ

Profa. Dra. Sandra Helena Da Silva
Diretora

Prof.º Dr. Carlos Jorge Barros Monteiro
Coordenador Acadêmico

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Prof.º Dr. Lucas Milhomens Fonseca
Coordenador

Prof.ª Dra. Soriany Simas Neves
Vice-Coodenadora Interina

Esta obra foi financiada com recursos do edital emergencial 001-2020-DPROEX-PROEXT/UFAM
do Programa Atividade Curricular de Extensão - PACE

Universidade Federal do Amazonas.
Parintins-AM, fevereiro de 2021.

FICHA TÉCNICA

Organizadores:

Prof.^a Dra. Graciene Silva de Siqueira
Prof.^a Dra. Hellen Cristina Picanço Simas
Prof.^o Dr. Marcelo Rodrigo da Silva

Conselho Editorial:

Prof.^a Dra. Graciene Silva de Siqueira
Prof.^a Dra. Hellen Cristina Picanço Simas
Prof.^o Ms. Kenedi Santos Azevedo
Prof.^a Dra. Ligiane Passos dos Santos Bonifácio
Prof.^o Dr. Marcelo Rodrigo da Silva

Produção e direção editorial:

Prof.^a Dra. Graciene Silva de Siqueira
Prof.^a Dra. Hellen Cristina Picanço Simas

Revisão:

Prof.^a Dra. Ligiane Passos dos Santos Bonifácio

Design, diagramação e ilustrações:

Prof.^o Dr. Marcelo Rodrigo da Silva

Capa:

Prof.^o Dr. Marcelo Rodrigo da Silva

Textos:

Aline Ferreira, Graciene Siqueira, Hellen Picanço, Joiana Reis, Luana Valente,
Marcelo Rodrigo, Ramon Correia, Rosibel Xavier, Sebastião Nascimento,
Taíssa Tavares Guerreiro, Willian Ythano Araújo Costa, Yasmin Monteverde.

Realização:

Universidade Federal do Amazonas
Pro-Reitoria de Extensão - Proext
Programa de Atividade Curricular de Extensão - PACE
Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia - Icese
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

FICHA CATALOGRÁFICA

R382 Relatos da pandemia / organização Graciene Silva da Siqueira, Helen Cristina Picanço Simas, Marcelo Rodrigo da Silva. – Parintins: Universidade Federal do Amazonas, 2021. E-book (64 p.)

E-book, no formato PDF, convertido em livro impresso
ISBN: 978-65-5839-015-2

1. Crônicas. 2. Jornalismo. 3. COVID-19 (Doença). I. Siqueira, Graciene Silva da. II. Simas, Helen Cristina Picanço. III. Silva, Marcelo Rodrigo da. IV. Título.

CDU 1976: 82

Este projeto é dedicado a todos os familiares, cônjuges, amigos, colegas de trabalho, vizinhos, e às pessoas conhecidas e desconhecidas que foram, fatalmente, acometidos pela Covid-19. A eles nosso amor, gratidão e respeito.

Sumário

Prefácio	9
Um novo tempo Yasmin Monteverde	17
Entre quatro paredes Ramon Correia	19
Não quero falar sobre isso! Taíssa Tavares Guerreiro	21
Zeneida Aline Ferreira	25
Transito(riedade) Marcelo Rodrigo	29
Medo e ansiedade Willian Ythano Araújo Costa	33
A morte da Bezerra Luana Valente	37
Rebeldia Hellen Picanço	41
Você vai escrever uma crônica ou um romance? Graciene Siqueira	45
Mudanças de planos Joiana Reis	49
Mudanças repentinas Sebastião Nascimento	51
De repente as coisas estavam normais Rosibel Xavier	55
Sobre os autores	57

Prefácio para dias obscuros

Kenedi Santos Azevedo

A pandemia da covid-19 que aflige o mundo fez com que as pessoas se isolassem em casa como meio de prevenção contra o novo coronavírus. Essa atitude abriu inúmeras possibilidades de reflexão sobre os fatos do dia a dia. Os pormenores particularizados no embate entre o público e o privado são ampliados, as questões tidas por mínimas, efêmeras, fúteis, carregam-se de complexidade diante do caos. É quando se percebe a ligeira vontade de equilíbrio para tudo que está acontecendo, o desejo de alinhamento na normalidade das coisas corriqueiras. Tais experiências reverberam nas atitudes críticas dos artistas, cujas sensibilidade e criatividade se afluam, traduzindo-se em objeto estético, como é o caso dos textos poéticos e ficcionais.

A crônica moderna mostra a proximidade entre os eventos externos e internos à realidade do cronista, que, a partir de então, expõe suas intimidades no papel, passando a observador não somente daquilo que acontece a seu redor – como faziam os antigos narradores –, mas, e, acima de tudo, dos aspectos de sua privacidade, antes deixados da porta de casa para dentro. O registro escrito engendra possibilidades históricas, irmanadas à necessidade de cerzir as fraturas existenciais causadas pela tentativa de obliteração do percurso da vida por fenômenos sociais, políticos e culturais: no passado, o cronista lembrava e escrevia, hoje, vivencia, reflete e escreve. Os relatos são alimentados por eventos marcantes do cotidiano, mantenedores de uma memória coletiva, forjada no texto pelo trato ficcionalizante dado pelo cronista. As sensações do mundo, acionadas no discurso narrativo, repercutem em forma de dor, sofrimento, alegria, felicidade etc., são comunicadas, precisam ser denunciadas, de modo especial quando se testemunha e vive uma crise.

As crônicas que compõem esta coletânea querem o tempo todo dizer, anseiam por querer ser, almejam um destinatário; para tanto, seus autores canalizam, uníssonos, os dados de uma realidade vincada na pretensa estabilização dos instantes estilhaçados pela força impositiva do fenômeno assola-

dor. O exercício de pensamento arquiteta memórias instantâneas, formulando refúgios das angústias que se intensificam na medida em que o tempo se arrasta diante dos olhos do cronista. Esse fluxo de memória enérgico viabiliza flagrantes de cenas não percebidas no intervalo doméstico existentes na dinamicidade dos dias comuns. *Relatos da pandemia*, como o próprio título sugere, é a relação de vivências. Narrar o caos é ir à escuridão para entender os lampejos de luz. Em outros termos, tematizar a vida em estado crítico revela a consciência das vicissitudes impostas pelo mundo negativado. Ligada à essa questão, importa lembrar a expressão muito usada nesse período: “novo normal”; como se se tratasse de um tempo novo. Tal expressão sugere as mudanças instauradas no cotidiano, não no sentido estrito da palavra “novo”, pelo contrário, ergue a ideia de que algo foi acrescentado a essa realidade; tomando os versos de Camões – “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” –, temos que, na verdade, as mudanças estão nas “vontades”, porque o tempo continua o mesmo, mas as atitudes precisam ser adaptadas, criando-se, com isso, aí, sim, um novo contexto à vida do ser humano.

O livro inicia e finaliza com um poema, levando-nos a entender que a poesia invade a crônica, numa tentativa de amenizar as angústias, de acalmar o turbilhão psicológico que se imbuíu de incertezas, de poder observar todos esses fatores agora com a visão fina e detalhadamente sensível de quem tentou sair inteiro do caos. As ideias fora de lugar se configuram na resignificação simbólica das atitudes líricas e ficcionais dos escritores. Há, aparentemente, um engajamento com a escrita doméstica, a formulação de uma linguagem extremamente subjetiva que então se utiliza. “Um novo tempo”, de Yasmin Monteverde, e “De repente as coisas estavam normais”, de Rosibel Xavier, respectivamente, dão conta de analisarem as situações vivenciadas no abrigo da casa, perspectivando as modulações da presença do vírus e as consequências do drama daqueles atingidos pela doença. Não ocorre uma

metamorfose nesses espaços, antes, sim, acontece o obscurecimento do entremuro, resguardando um inconsciente potencializado por pequenas questões reflexivas, anteriormente mascaradas pelas urgências do contemporâneo: no primeiro texto, o olhar da realidade, no segundo, a visão onírica.

Na crônica de Ramon Correia, há o grito prenhe de silêncio que repercute do isolamento, “literalmente entre quatro paredes, sem poder sair de casa”, amplificando as problemáticas que minam o seu discurso de cariz confessional, retornando para si e para seu lugar, as minúcias dos eventos externos. Estabelecem-se perguntas retóricas, na incerteza e suspensão da história, angariando, em última instância, a percepção de um tempo que “sufoca”.

Táissa Tavares Guerreiro parte da negativa para tentar uma fuga da realidade, que só acontece por intermédio da narrativa, interditando (ou tentando interditar) a perspectivação de episódios diários, esses todos cerceados por um vírus. As situações corriqueiras envoltas por aspectos agônicos acenam para a imposição das fragilidades, principalmente quando se encara tudo em meio à solidão, sobra a escrita, com a qual a autora expõe suas “vulnerabilidades” “diante de uma pandemia”.

A engenharia da crônica de Aline Ferreira está no exercício da memória. A ida ao território da infância resgata as lembranças de um tempo marcado pelas referências às descobertas da vida, tendo como pretexto uma carta. A partir disso, elaboram-se níveis de aprendizagem, germinam-se devaneios no embate entre as marcas de uma realidade formatada na agonia e de uma série de conjecturas acerca de uma história que então se firma diante de um estado crítico.

O jogo temporal exemplificado pelos topoi comuns ao trânsito de veículos nas ruas serve de mote para a narrativa de Marcelo Rodrigo. O escritor pensa a capacidade de idas e vindas das pessoas pelas vias e o turbilhão percorrido em tempo de pandemia. Ele adota um viés muito mais expositivo do que contemplativo das vivências em movimento, levando-nos a relacionar

tal escolha à ideia de devir, em que as coisas estão no modo dinâmico e o ser humano passa por tudo isso e as coisas continuarão assim como estavam, apenas o ser humano mudará, assim como seu modo de ver o mundo, mesmo que as vezes, “as pausas sejam essenciais”.

“Talvez você esteja lendo esse texto deprimido, ansioso, angustiado”, assim inicia o relato de Willian Ythano Araújo Costa, revelando o tom melancólico de sua escrita, assinalada principalmente pela palavra “medo”. A sensação de insegurança é sintomática nesse discurso, apesar de ainda ter consciência de que, num futuro próximo, “tudo não passe de mera lembrança de um período difícil”.

Luana Valente escreve sobre o diálogo com a irmã, armado de questionamentos sobre os aspectos corriqueiros desfeitos nos dias obscuros. Há o olhar para as coisas pequenas disponíveis nas partes da casa, objetos tidos por comuns ou em muitas situações invisibilizados pelo pitoresco das manhãs. Luana põe em apreciação uma expressão popular para comentar as alterações testemunhadas nesses instantes de dificuldade no espaço doméstico; sugere ainda um lado positivo para tudo que está acontecendo, de modo especial, a recuperação de “Memórias que têm gosto de saudade”.

A crônica de Hellen Picanço enuncia os bastidores de uma decisão. Decidir vem do latim, decido, -ere, e significa, basicamente, separar, cortar, resolver, pôr termo, talvez esteja nesses conceitos a centralidade da narrativa. Em primeiro lugar, porque há possibilidade de separação; segundo porque nessa atitude se quer a resolução de algo. Entretanto, há fatores que se avultam como obstáculos nesse seguimento, perfazendo motivos para a entrega de uma responsabilidade e necessidade de sobrevivência. Hellen escamoteia a indecisão por intermédio daquilo que nomeia como rebeldia, que, na verdade, se constitui como as marcas da ausência, o medo do afastamento, associado ao temor da perda.

O título do texto de Graciene Siqueira dá conta da discussão acerca da

estrutura narrativa, principalmente na hesitante maneira de propor a modalidade textual que utilizará para expor as vicissitudes dos dias de aflição. Tece críticas àqueles com “atitude egoísta”, por não se prevenirem ou não levarem em consideração os cuidados devidos, nos dizeres da cronista “Agem como se não houvesse perigo, nem para si e nem para as pessoas que dizem amar”. E compara o processo criativo com a realidade que se configura nas demandas do cotidiano, deixando ao leitor questionamentos que precisam se não respondidos, mas pelo menos levados em consideração: “E você? Qual tratamento está dando a sua vida? De uma crônica ou de um romance?”. Ficam as questões.

Em “Mudança de planos”, Joiana Reis diz que “É necessário reduzir a velocidade e refletir sobre prioridades na vida”. Da dinamicidade da vida urbana, “reduzir a velocidade” não é algo tão fácil assim, no entanto, ocorre a necessidade de suspensão do vaivém do tempo. Somente assim haverá motivos para repensar as escolhas, as decisões tomadas nas horas de angústia e transformar esses motivos em meios para buscar entender as circunstâncias e, em todo caso, como conclui a cronista: “Apenas aproveitemos o presente, com esperança de dias melhores, e principalmente, sabendo que não somos melhores do que ninguém”.

Sebastião Nascimento escreve sobre as “Mudanças repentinas”, faz um retrospecto histórico rápido, comentando os anos até 2020 quando, nas palavras do autor, “iríamos nos surpreender”. Mais uma vez, assim como em outras crônicas deste livro, a palavra “mudança” torna-se uma constante, angariando novos auspícios no desenrolar dos relatos, resguardando, assim, outros vieses no embate entre as realidades (agora no plural), reatando tendências que se esgarçaram com a pandemia, sobretudo no contato com os familiares e a valorização dessas relações.

O limite entre ficção e realidade é tênue e reside no esboço formulado no que se entende por mimesis, não no sentido concebido por Aristóteles no

tratado sobre poética, mas no conceito moderno do termo. A arquitetura textual mune-se de extratos da realidade que vai muito além de simples imitação, apesar de infiltrar no discurso elementos da *physis*, desenvolvendo-se um mundo atravessado pelas subjetividades instantâneas. Numa crônica essa tensão reitera-se no contato do cronista com os eventos próximos temporalmente, muitas vezes, registrados concomitantemente a partir dos domínios históricos engendrados diante de si, no aceno direto entre imaginação e os elementos ônticos.

O grupo semântico de palavras comuns às crônicas desta coletânea levam-nos a refletir sobre a situação pela qual o país passou em 2020 e o modo como esses escritores se colocam quando vivem momentos de pressão. Expressões tais como: medo, mudança, solidão, doença, vírus, reforçam a face violenta da história em suspensão; são relatos de quem se debruça nas páginas de um tempo intranquilo. O leitor em certa medida se identificará com essas narrativas, se não isso, pelo menos refletirá sobre todos os aspectos e questões levantadas no decorrer de cada texto. Este livro é um ato de resistência; um ato de (re)existência!

Um novo tempo

Yasmin Monteverde

Tão perto
Tão rápido
És tu, oh vírus!
O descontrole, o desatento, a fúria! O labirinto

Através de noticiários, informa
Trabalha a mente e as estruturas transforma
Invisível, porém, cruel, como uma tempestade de areia que no deserto se
forma

Leve e fugaz se alastra
Ganhando o mundo de praça em praça
Se desenvolve
Num só toque, se move

Tudo para
Tudo fecha
Surgem novos caminhos, novas metas
A decisão imediata se tornando a melhor decisão
Que assim seja, lamenta-se em oração

Criaste um novo sentido
à palavra sobrevivência
Sobrevivência à pandemia.
A pandemia que virou caos
O caos que virou normal
O normal resignificado
O novo normal sobre o sentido da vida.

Entre quatro paredes

Ramon Correia

Por mais que o título desse texto tenha outros sentidos, foi entre quatro paredes que me encontrei em reflexão esse ano de 2020. Você deve se perguntar, mas por quê? Bom, no dia 24 de abril de 2020, fui então infectado pelo novo Coronavírus (COVID-19). Não tive sintomas fortes, mas fiquei em isolamento em meu quarto por quatorze dias (assim como outras pessoas que se infectaram também). Literalmente entre quatro paredes, sem poder sair de casa.

Nos primeiros dias, a guerra só estava começando. A única maneira para entreter a mente eram as redes sociais, os livros e TV. Chega um momento, porém, que tudo enjoa, não? Imagina repetir tudo isso em 14 dias! As notícias nos principais telejornais, o alto índice de infectados no mundo, mortes e a corrida da ciência para encontrar uma cura nos deixava ansiosos. Entre todas essas coisas, no entanto, meu maior medo era que a doença afetasse o meu psicológico. Aliás, estávamos no período do pico da pandemia.

Foram dias difíceis, principalmente por não estar perto da minha família, dos meus pais, do meu filho, Apolo (meu cachorro) e de ter ocorrido mudança radical na rotina que tinha antes de ir para a emissora de rádio onde trabalho como editor e repórter.

Após dias de uma longa e dura recuperação, pude, enfim, sair do isolamento. E tudo havia mudado, não só aqui em Parintins - Amazonas ou no Brasil, mas no mundo inteiro. Uma nova realidade a qual não sabemos ainda por quanto tempo teremos de vivenciar. Hoje, após 10 meses de pandemia, véspera de Natal, conseguimos chegar até aqui. Sobrevivemos. A humanidade tem sobrevivido, apesar do vírus ainda estar causando mortes significativas ao redor do mundo.

A medicina não está medindo esforços na busca pela cura, mas as perguntas não cessam: como será o nosso futuro, daqui por diante? Quanto tempo ainda precisaremos viver em distanciamento social? A certeza que tenho é que o Coronavírus nos deixa uma lição: o tempo não para e quando estamos em isolamento entre quatro paredes ele nos sufoca.

Não quero falar sobre isso!

Táissa Tavares Guerreiro

I don't want to talk about it (Eu não quero falar sobre isso). Essa frase compõe a música interpretada por Rod Stewart e que estou ouvindo enquanto escrevo essa crônica. É engraçado como cada momento da minha vida possui uma trilha sonora, e mesmo ouvindo-a depois de anos, ainda consigo lembrar dos sentimentos vividos em cada situação. Bem, pensando assim, creio que nos próximos anos terei várias lembranças das músicas que ouvi em 2020 em plena pandemia, pensando todos os dias se conseguiria terminar meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Quando iniciei as gravações do meu documentário, o primeiro caso de Covid-19 havia sido confirmado no Brasil há dois dias, mas nem nos meus piores pensamentos achei que o vírus chegaria à Região Norte, mas chegou. Por sorte, eu já havia finalizado as gravações do TCC antes de ele chegar. Minha universidade fechou as portas assim que o primeiro caso da doença foi confirmado no Amazonas, e Parintins adotou medidas de distanciamento social logo em seguida.

Vim para Terra Santa, minha cidade, cumprir a quarentena. E eu achei que ficaria no máximo duas semanas. Pois é, como dizem os memes da internet: hoje completa oito meses que eu vim passar duas semanas em casa. E, dentro desse tempo, aconteceram coisas inimagináveis. Antes, eu reclamava da falta de tempo para me dedicar a uma única coisa, de ter que ir à universidade quase todos os dias, de ter vários projetos diferentes para pensar. Depois de isolada, eu experimentei a solidão, o sentimento de insuficiência, a insegurança.

Nos primeiros meses, até que consegui editar, conversar com meu orientador e tocar meu projeto, mas depois, não conseguia mais pensar nele. “Não tenho vontade”, “não vou conseguir”, e quando me perguntavam como andava o TCC, eu respondia: “- Não quero falar sobre isso”. Acho que todos nós vivemos isso em algum grau durante esse período. Eu sentia falta de ter um prazo rígido para entregar minhas tarefas, sentia falta do meu local de trabalho

no laboratório da universidade, sentia falta de pensar naqueles projetos que foram adiados. A gente nunca sabe do que vai sentir falta, até que sentimos falta. Hoje, completa três meses que “acordei” dessa hibernação. Se perguntarem como anda o TCC agora, minha resposta ainda é: “- eu não quero falar sobre isso”. Não porque eu não consigo produzir, mas porque estou me dedicando a ele dia e noite.

De certo, a pandemia nos trouxe muitas reflexões. A principal delas é que todas as coisas que estão em nosso cotidiano, por mínimas que sejam, possuem importância. Assim, espero que esse período sirva para darmos valor a cada pessoa que amamos. E quando tudo voltar ao normal, que possamos reclamar menos e apreciar mais a vida com as novas trilhas sonoras que iremos escolher.

Com esperanças, a única certeza que tenho agora é de que um dia ouvirei I don't want to talk about it e lembrarei do dia frio e calmo, na tarde de uma segunda-feira, 23 de novembro de 2020, quando finalmente expus minhas vulnerabilidades em uma crônica diante de uma pandemia. E sobre o TCC? As coisas mudarão e minha resposta não será: eu não quero falar sobre isso.

Zeneida

Aline Ferreira

Todo mundo tem um cheiro, uma comida, um lugar de conforto que remete à infância e traz tranquilidade, paz, alegria. Eu tenho uma carta, datada de primeiro de abril de 1974, quando eu completei dois anos. Passei a infância inteira lendo essa carta, escrita pela vó Zeneida Cohen. É uma cartinha cheia de amor, de carinho e de desculpas, porque ela estava fora de Manaus nesse dia. E para uma criança, o mais importante: seu presentinho não vai ficar em branco.

A carta foi ganhando camadas à medida que eu crescia: quando criança era uma prova de amor dela por mim e de minha importância, que já tão nova recebia carta de outro Estado; quando adolescente, fazia parte da minha coleção de cartas trocadas com as amigas, que eu sempre lia quando me sentia só, quando as coisas não faziam muito sentido ou quando perdia um pouco de esperança. Quando a inevitável vida adulta chegou, e trouxe com ela casamento e filhas, deixei a carta, junto com tantas outras, guardada em uma caixa de madeira na casa dos meus pais. Virou tesouro que um dia, provavelmente na velhice, eu teria tempo de reler e de me encantar novamente.

Mas o ano de 2020 adiantou esses planos. Veio a pandemia do coronavírus, e os meses trancada em casa, sem poder sair, me forçou a viajar para dentro. Foi quando me lembrei da cartinha da vovó.

Agora, a correspondência ganhara a sua mais importante camada: as minhas origens. Foi quando lembrei os dias e dias que passava olhando para a panela cozinhando maniva para fazer maniçoba, um dos meus pratos favoritos, enquanto a vovó explicava por que era necessário tanto tempo de espera: se comer antes do tempo, pode até matar. Tem que aguardar ficar pronto. Amanhã é que vou colocar as carnes.

Também vieram com a carta os sapinhos, que era como eu chamava os filhoses que ela fazia; os soldadinhos de pirão que ela fazia para tentar me convencer a comer; o bolo salgado de tapioca; as rosquinhas de farinha, uma iguaria boa que só...

Também me lembrei do barulho da máquina de costura de pedal, que só parava quando ela atendia as clientes, mulheres muito lindas e gentis. E das minhas roupas que ela costurava e acabava com perfeição. E recordei as aulas de bordado: ganhei um bastidor e aprendi vários de tipos de ponto, mas os meus preferidos eram o atrás, o corrente e o cheio. Tentei refazer, mentalmente, os pontos. Esqueci quase todos.

Recentemente, testei negativo para o coronavírus e vi nesse resultado um passaporte para visitar a vovó. Tenho conversado tanto com ela: sobre nossas origens, sobre os mistérios da vida e a criação das minhas filhas. Vejo, nas suas palavras e no seu comportamento, o mesmo carinho que ela tinha por mim, quando menina, sendo dispensado para a minha caçula, de quatro anos. Volto um pouco a ser criança todos os domingos quando vou lá.

Em janeiro, fico de férias. Não vai ter viagem de avião, como tem acontecido todos os anos. Mas vai ter jornada interior. Já vou comprar o bastidor, as linhas e pesquisar os desenhos. Vou bordar uma colcha de retalhos. Cada quadradinho vai contar uma memória diferente da minha história com a vó Zeneida. Se vai ficar bonita, não sei. Provavelmente não, mas certamente terá tanto amor que vai ser uma colcha que vai valer a pena exibir.

Transi- to(riedade)

Marcelo Rodrigo

Às vezes, eu me pego refletindo e fazendo algumas conjecturas que se estendem no meu imaginário tanto quanto o tempo permite, especialmente neste período de pandemia de covid-19, quando os lapsos temporais parecem se elastecer sem medida. São divagações sobre a vida, o cotidiano e o sentido que tanto buscamos encontrar nas coisas e nos processos que se apresentam ao nosso redor. Numa dessas digressões, eu estava a observar as semelhanças que existem entre o trânsito e o fluxo da vida como um todo. Como os processos de um seguem os regimentos da outra, evidentemente, em proporções menores e restritas, mas com lógicas muito semelhantes.

As jornadas que fazemos ao entrarmos em veículos, sejam lá quais forem, são imprevisíveis, apesar de termos o mínimo de clareza sobre onde queremos chegar. Assim é a vida. As rotas, as escolhas, a velocidade com que avançamos, os riscos aos quais nos expomos, a forma mais ou menos responsável com que conduzimos os nossos atos no fluxo dos trajetos. O estado de espírito que cultivamos durante o percurso, se mais tensos, estressados e preocupados, ou mais leves, tranquilos e descontraídos. Se ouvimos mais notícias policiais ou as músicas que mais gostamos em volume alto, cantando e fazendo coreografias ridículas desinibidamente.

Assim também se assemelham os encontros com as pessoas com quem cruzamos no caminho. Algumas tão brevemente que nem conseguimos olhar o rosto. Outras entram em nossas vidas acidentalmente e acabam permanecendo por um bom tempo, seja para o mal ou para o bem. Mas há também aquelas que seguem conosco ao nosso lado por todo trajeto ou durante a maior parte dele. Por caminhos longos ou curtos. Estradas retílineas ou mais sinuosas em paisagens áridas ou paradisíacas. Algumas vezes, nos demoramos em alguns cenários, em outras atravessamos brevemente. Tudo sempre passageiro, sempre transitório, porém tão importante quanto seguir é parar.

As pausas são essenciais e também transitórias. A nossa sobrevivência

depende delas. Os momentos de descanso fora do trânsito são necessários para a manutenção de nossa saúde e dos nossos veículos em bom funcionamento. Abastecer-se, alimentar-se, tratar-se, repousar. São variáveis e fatores que exigem a nossa retirada do fluxo. E, no meio dessas alegorias, percebi como o novo coronavírus é um desses fatores que determinam a urgência de nossa saída do movimento do trânsito, como uma nevasca repentina e severa ou um furioso tornado que interdita todas as vias terrestres.

Em situações catastróficas como essas, nos preparamos para enfrentar as tormentas numa perspectiva de curto intervalo de tempo para o breve retorno à vida habitual. Projetamos privações rapidamente transitórias, mas o problema se complexifica quando essas privações se prolongam perenemente. Estamos todos afeitos à vida em fluxo constante. Habitamos ao frenesi do ritmo viário. A emergência de um estilo de vida em isolamento, contudo, resvalou sobre cada um de nós um efeito colateral diferente. A interrupção, a pausa, a suspensão resultaram em ansiedade, angústia, incerteza, medo, impotência e até pânico. E esses efeitos se intensificam à medida que vemos condutores próximos a nós tão drasticamente afetados que não mais voltarão a transitar. É aterrorizante supor que a cada vez que nos arriscarmos no fluxo, durante a pandemia, poderá ser a última.

Logicamente, o trânsito – assim como é a vida – já oferece, por si só, riscos fatais cotidianos. Entretanto, a insegurança se multiplica exponencialmente quando tais riscos são invisíveis e menos controlados por nós, como pensamos quando manipulamos um volante. Perder o controle é devastador, mas ainda temos muito o que aprender sobre controle e direção, principalmente sobre nós mesmos.

Apesar de tudo, a tendência que cultivo de me ater a pensamentos positivos me afasta da espiral apocalíptica delineada por essas constatações e inspiram-me a redirecionar minha reflexão para o lado bom da transitoriedade-

de, inevitável, até mesmo, para a famigerada covid-19.

Após calamidades, aprendemos a reconstruir nossas estruturas externas e internas e nos readaptamos a novos fluxos e vias. É o que percebemos, por exemplo, com os novos espaços de trânsito que aprimoramos. Para além das terrestres, aéreas e fluviais, deparamo-nos com a expansão das vias virtuais. E a volatilidade e fugacidade dessas vias digitais nos fazem, paulatinamente, entender como é vital encontrarmos canais de acesso entre nós. Permitem-nos atentar para a necessidade gritante que sentimos da presença uns dos outros.

O trânsito nada mais é do que a busca. Um esforço incessante de busca pela presença. Seja a do outro ou a de nós mesmos. A interrupção do trânsito desvela bem diante de nós a sede que nutrimos de sermos vistos, lembrados, sentidos e tocados. Talvez a vida seja como uma via de mão dupla em que só encontramos sentido para nossas existências no movimento recíproco de busca em direção à presença do Outro.

Medo e ansiedade

Willian Ythano Araújo Costa

Talvez você esteja lendo esse texto deprimido, ansioso, angustiado. Talvez você esteja amedrontado, preocupado, estressado ou, quem sabe, com saudades. Há quem já tenha sentido um pouco de cada uma dessas sensações e emoções em algum momento da vida, mas, para o momento atual, muitos de nós ficamos reféns de algumas ou muitas delas, não é mesmo? Ou há quem tenha vivido esse período de pandemia como se estivesse em um conto de fadas? Se há, eu desconheço. A verdade é que até nos contos de fadas há conflitos ou um inimigo, antes que o “felizes para sempre” seja declarado.

Hoje, na vida real, o inimigo do ser humano é invisível, causa medo. Como assim, medo do invisível? Sim, medo de ele nos contaminar, medo de ele nos matar, medo de ele matar quem amamos, medo de não haver vacina que o derrote. Se você, em algum momento da pandemia, sentiu ou sente algum desses medos, saiba que você não é o único. Eu mesmo tenho muito medo de ser contaminado pelo vírus da Covid-19 e não saber como meu sistema imunológico reagirá, e, maior que isso, é o medo de perder mais um familiar, digo mais um, porque o vírus levou o meu avô José Edmar. Quem perdeu algum amigo ou membro da família para o mesmo inimigo em comum sabe o tamanho da dor que sentimos ao vê-los partir.

O medo não somente continua fazendo parte da minha vida, como trouxe consigo um outro mal que atinge pessoas pelo mundo todo: a ansiedade. Quem já passou ou passa por isso sabe do que estou falando. Imaginem estar bem em um momento e, de maneira inesperada, começar a ter palpitações, agitações nervosas, sufocamento, tontura e dores no peito é desesperador, não é mesmo? Mas por quais motivos as pessoas estão se sentindo assim? Por vários. No atual cenário, é cada vez mais comum as pessoas se sentirem ansiosas diante do excesso de preocupações, medos, incertezas do futuro, excesso de notícias ruins, estresse. É que o mundo simplesmente parou, ruas ficaram vazias, as pessoas se trancaram dentro de suas casas, algumas perde-

ram o emprego, outras passam fome e os telejornais continuam noticiando mortes e mais mortes diariamente. Onde está a leveza da vida?

A ciência tem trabalhado em busca de uma vacina, aquela que pode ser a nossa única esperança para dias melhores. Mas, enquanto não temos acesso a ela, continuamos a lidar com nossos medos, crises de ansiedade e episódios depressivos. De fato, parece que a vida deixou de fazer sentido, mas espero que daqui a uns dez, vinte ou trinta anos, ao relermos esse texto, tudo não passe de mera lembrança de um período difícil.

A morte da bezerra

Luana Valente

Estava eu no meu “normal” dia de isolamento social ou de quarentena (causado pelo novo coronavírus) cumprimentando especialmente aos meus novos amigos confidentes.

– Bom dia mesa, bom dia cadeiras, bom dia pia, bom dia sofá, bom dia TV... - os benditos móveis da casa da minha irmã, lugar onde estou passando essa temporada que parece uma série cheia de episódios sem fim. De repente, comecei a apreciar a paisagem urbana através da janela. Fiquei ali por minutos, sem perceber o tempo passar, apenas observando. Quando minha irmã saiu do quarto, e deparou-se com essa cena, sem ter mais o que falar, soltou a frase:

– Você está pensando na morte da bezerra!

Respondi com toda “delicadeza”, para não dizer ironia: – Sim, foi uma morte tão triste, ela só queria ser livre.

Afinal, qual o significado dessa expressão: “Pensar na morte da bezerra”? A pergunta da minha irmã ficou martelando na minha cabeça.

Penso que esse “estado de pensar” seja um momento de encontro com nosso eu, um olhar para dentro de nós mesmos, um mergulho inconsciente que o ser humano faz em seu interior. Segundo o dicionário, trata-se de uma expressão popular utilizada quando alguém aparenta estar distraído, introspectivo, alheio a tudo e muito pensativo, ou ainda, aquele que chora pelo que não deu certo.

E se essa tal morte for positiva!? Se pudermos usar esses momentos de reflexões ao nosso favor, para lembrar, por exemplo, uma conversa entre amigos ou mesmo um momento da nossa infância? Memórias que têm gosto de saudade.

A quarentena ampliou esses momentos em que podemos repensar aquilo que fizemos, as coisas que deixamos de fazer e sobre incerteza que é o amanhã.

Voltando à observação da minha irmã sobre a morte da bezerra, para

mim fica a lição de que é um momento que vale a pena. Que nos permite olharmos para nós mesmos, nos dando oportunidade de promovermos as mudanças necessárias. Então, meu voto é por pensadores positivos da morte da bezerra.

Ah! Já ia esquecendo, o motivo que eu estava muito distraída. É que eu estava pensando seriamente em um assunto para minha crônica. Valeu, mana! Acho que tenho que agradecê-la.

Rebeldia

Hellen Picanço

Outro dia, uma senhora tentou me persuadir para eu não viajar para o exterior nesse período de pandemia, falou assim: - se você fosse minha filha, eu diria não vá, levar meus netos para longe nesse período de doença, não, não.

Aí pensei: eu não costumo obedecer a minha mãe, mas não respondi nada àquela senhora. Calei. Porém, depois dessa conversa, não consegui mais me livrar daquele pensamento de que sou desobediente. Quantas pessoas têm a mesma postura que eu em relação à obediência aos pais? Devemos mesmo seguir todas as ordens deles? Especialmente quando elas contrariam o que nosso coração deseja.

Bem, amadurecer não é fácil, você precisa ter coragem para tomar decisões e, principalmente, arcar com as consequências delas depois. Na minha trajetória de vida, quando resolvi sair da minha cidade e estudar na capital, minha mãe chorou, chorou, chorou muito, não queria que eu fosse. Mas eu respondi na época: - as pessoas cravam raízes, e a minha não será aqui. Nossa! Que respondona fui. A mesma situação se repetiu quando decidi ir para outro estado estudar mestrado. Parecia que ia morrer para lá, foram dias seguidos de um choro inconsolável da minha mãe, apesar de tentar explicar que tudo seria bom, que eu voltaria.

A rebeldia tinha motivos, a paixão pelos estudos e a enorme vontade dar um futuro melhor para meu país. Sonhava em construir uma casa de alvenaria para eles e promover uma velhice mais cômoda aos dois. A vida longe de casa não foi fácil, a vida longe do meu estado e cidade também não. Havia tardes em que eu sentia o cheiro do tucupi e salivava por um tacacá. Crescer dói, precisa de umas boas pitadas de ousadia e por que não rebeldia?

Seguir seus sonhos, ser responsável pelas suas decisões, enfrentar tudo e todos para no final poder dizer: - eu venci!, não tem preço. Você sente que amadureceu, que se arriscou e que construiu a sua identidade. Todo dia, muitos estão a dar seu grito de independência, não é falta de amor ou de

respeito pelos pais, é vontade se tornar uma pessoa da qual eles terão orgulho e você também.

Em breve, seguirei para mais uma viagem, apesar da pandemia, sempre é preciso seguir... principalmente o coração.

Você vai escrever uma crônica ou um romance?

Graciene Siqueira

Difícil escolher um aspecto da pandemia sobre o qual discorrer nessa crônica. Pensei em relatar minha experiência quando adquirei a covid-19 em posto de saúde indo buscar tratamento para aquilo que achei que fosse a doença, mas que, até então, era apenas uma gripe forte, com direito aos sintomas do novo coronavírus, entre eles a perda de paladar. Resultado: foram mais de 30 dias doente e em quarentena. Dá pra imaginar como ficou minha cabeça, né?

Poderia falar ainda sobre a raiva que me consumiu por semanas diante da atitude egoísta de alguns, em todo o Brasil, que estão mais preocupados consigo e, assim, desconsideram orientações dos órgãos de saúde para evitar a proliferação do vírus. Agem como se não houvesse perigo, nem pra si nem para as pessoas que dizem amar.

Ou ainda sobre como a pandemia reconfigurou nossas vidas sociais, mostrando o quanto o toque, o abraço, o estar perto são mais importantes do que curtidas em redes sociais. Ou sobre como esse período nos mostrou que não temos controle de nada em nossas vidas. Temos uma falsa ilusão de controle, isso sim, mas daí vem um vírus como esse e nos mostra o contrário. Em um período como este, no qual nos vemos diante de um perigo em nossas vidas, a gente reflete sobre o que realmente importa. E o que realmente importa em nossas vidas?

Primeiramente, a vida em si. Por isso: ao sair, use máscara. Mas outra coisa também importante é: o rumo que a gente dá para a vida. Explicando: a pandemia nos mostrou que a gente se preocupa com coisas pequenas demais, que não mudam o curso da nossa vida, ao contrário, só servem para aumentar nossa ansiedade. E as coisas que realmente importam a gente deixa de lado, com o olhar ofuscado pelas coisas pequenas do dia a dia, pelas pedras no caminho.

Fazendo um paralelo com este texto: há situações que merecem

apenas uma crônica em nossas vidas, mas que a gente insiste em escrever um romance. Tipo: a gente estende além do que deveria e se preocupa com coisas que não merecem mais do que um minuto de nossa atenção. Por outro lado, há coisas menores, ou aparentemente menores, às quais a gente quer dar o tratamento de uma crônica: objetiva, curta e direta, mas nas quais a gente deveria focar mais. Olhar com mais atenção, pois renderiam um verdadeiro romance em nossa vida.

E você? Qual tratamento está dando a sua vida? De uma crônica ou de um romance?

Mudanças de planos

Joiana Reis

Um certo dia, estava lembrando de momentos incríveis que tive com meus amigos e familiares, pessoas que eu amo, e em como eu tinha planos para esse ano: terminar meu TCC e me formar na faculdade, viajar, ter minha CNH, escolher a cidade para fazer uma pós-graduação, buscar um emprego... sonhos de uma jovem de 22 anos e que foram adiados devido ao tempo em que vivemos.

Sei que, assim como eu, muitas pessoas vivem o mesmo drama. Casamentos cancelados. Formaturas adiadas. Remarcação de viagens sem datas previstas. Fomos obrigados a viver um dia de cada vez e a lidar com a fragilidade da vida humana e com os traumas, medos, ansiedades e a irritação de não saber quando finalmente poderemos “viver normalmente”.

A Covid-19 mostrou como os seres humanos, que se comportam como o centro de tudo, na verdade, são apenas indefesos e egocêntricos. Sei que é um grande clichê dizer que o mundo vive um toque de recolher, sem contato físico e aglomeração, mas eu penso:

- Mas não há como se recolher de nós mesmos, não é?

É necessário reduzir a velocidade e refletir sobre prioridades na vida, tudo é passageiro, então, por qual motivo não se vive a vida de um jeito como se cada momento fosse exatamente o tempo certo para os acontecimentos? Sempre há planos e isso é bom, mas, às vezes, a vida não permite que eles sejam cumpridos e o acaso vem.

Foi um ano bastante difícil, e ainda está sendo para muitos que querem apenas esquecer o que houve... Mas, talvez, tenha sido um ano que ao menos serviu para a gente aprender a valorizar cada detalhe da vida e perceber que os planos que fazemos podem se desvanecer a qualquer momento. Apenas aproveitemos o presente, com esperança de dias melhores, e principalmente, sabendo que não somos melhores do que ninguém e que empatia e respeito se constroem a cada dia respeitando a dor do outro e sendo solidários, pois ninguém saiu desse ano como entramos no nele, porque a batalha ainda não acabou.

Mudanças repentinias

Sebastião Nascimento

Você já deve ter ouvido aquela velha expressão “O mundo não gira. Ele Capota!”, pois, é, ela pode descrever muito bem as mudanças que estão acontecendo na vida de milhares de pessoas no mundo. 2019 já não foi um ano bom para muitos de nós, para mim, por exemplo, foi de muitas dificuldades. Superei tudo, com muito orgulho, mas queria que o ano acabasse o mais rápido possível. Por isso, coloquei muitas expectativas em 2020, mas quem diria, que, por obra do destino, se é que podemos dizer assim, iríamos nos surpreender. Muito ouvi falar sobre essas voltas que o mundo dá, mas jamais imaginei vivenciar um “acontecimento histórico” tão cedo e que a vida como conhecíamos mudaria radicalmente.

Por volta de dezembro de 2019, quando decidi passar as férias na minha cidade natal, Parintins, só tinha a certeza de que iria curtir ao máximo o final de ano e o início de 2020, pois, em março, voltaria para continuar os estudos em Tocantins. Após um ano cursando pós-graduação, comprei passagens e dias depois estava em casa. O final do ano passou e aproveitei demais. Saí, curti minha família e fiz visitas a parentes e amigos. Aproveitei como nunca, especialmente janeiro, mês do meu aniversário. Mas logo a alegria se foi, quando o mundo noticiou a existência da Covid-19, um vírus que para algumas pessoas seria letal e que colocou todos em quarenta por tempo indeterminado.

Com a pandemia, tive que adiar minha viagem de volta e parar os estudos. De repente, me vi apegado ao álcool 70% em borrifadores, usando nas ruas e em casa. Antes do vírus, minha única preocupação era de estudar, mas então todas as metas ficaram em segundo plano, pois, afinal, quem tem cabeça para os estudos quando um vírus letal pode a qualquer momento chegar ao nosso lar? Os planos foram engavetados e cuidar de quem amo e do próximo se tornou prioridade.

Hoje, dezembro de 2020, quase um ano deste vírus, ainda cuido das pessoas que amo, mesmo com a flexibilização do isolamento social. Evito

aglomeração de pessoas, uso máscara e álcool constantemente, lavo as rodas da moto ou bicicleta todas as vezes que chego da rua e, antes de entrar em casa, me lavo com sabão e depois tomo banho. Esta ainda deve ser a realidade de muita gente. Exagero? Talvez, sim. Mas o que nos conforta é a certeza de que ao lado da família podemos superar qualquer dificuldade e que qualquer mudança repentina é de menos comparado a nossa saúde.

De repente as coisas estavam normais

Rosibel Xavier

De repente, as coisas estavam normais.
As pessoas se cumprimentando como antes...
Amigos felizes se abraçando entre um brinde e outro.
Apertos de mão, corpos se encostando voltaram a ser comuns.
Crianças correndo na rua, gritando, sorridentes...
Gente se abraçando em bar lotado,
Vibrando pelo gol do time, pela eleição do candidato.
Mais uma festa, outra comemoração, uma nova solenidade...
Já não se ouvia mais as sirenes desesperadas das ambulâncias.
Nem era preocupação a falta de médicos na cidade.
De repente, as coisas estavam normais...

Ela sentia uma ponta de esperança, depois de meses de apatia,
Um sentimento bom, finalmente...
Um misto de emoções que se rompiam em felicidade...
Mas, de repente, um barulho... daqueles que absorvem, rompem, dilaceram...
Não era barulho de gente, nem de ambulância, e ficava, cada vez mais alto...
O barulho? Vinha do escuro do quarto...

Era o som da realidade, exalando o cheiro mórbido da existência...
O despertador chamava-a de volta a um mundo enfadonho.
São seis e trinta da manhã, de mais um dia longo de obrigações
E a cidade?
Talvez esteja mesmo como no sonho.

Sobre os autores

Aline Ferreira Lira

É graduada em Relações Públicas pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade do Amazonas por esta mesma universidade e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é professora do curso de Relações Públicas da UFAM. Desenvolve pesquisas nas áreas de comunicação e sustentabilidade, comunicação organizacional, discursos organizacionais e comunicação e diversidade.

Graciene Silva de Siqueira

Professora do curso de Jornalismo da UFAM/Parintins há 11 anos. Tem experiência como repórter, subeditora, editora e colunista em jornais de Manaus, como A Crítica, A Notícia, Diário do Amazonas e Jornal do Commercio e atualmente escreve crônicas para o site CNA7. Possui mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas e Doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP).

Hellen Cristina Simas Picanço

Professora Adjunto IV da Universidade Federal do Amazonas, com doutorado e mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e Pós-doutorado em Estudos da Linguagem pela Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense – UFF. Atua no Curso de Comunicação Social/Jornalismo, campus Parintins, e no programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas.

Joiana Costa Reis

Acadêmica do 8º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/Parintins). Participou como monitora do PACE do Jornal Laboratório Tupã News 2ª e 3ª edição. É pesquisadora de iniciação científica, cujo projeto intitula-se “A arte do grafismo em Parintins: uma abordagem folkcomunicação de movimentos populares urbanos”.

Luana Vasconcelos Valente

Aluna do 8º período de Comunicação Social (Jornalismo) do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez), da Universidade Federal do Amazonas em Parintins. Participou de uma edição do jornal-laboratório impresso “Tupã News”.

Marcelo Rodrigo da Silva

Professor Adjunto do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Parintins. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq) e membro do Grupo de Pesquisas Comunicação, Cultura e Amazônia (Trocano/CNPq). Doutor em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN), mestre em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB), especialista em Marketing (Facisa) e graduado em Jornalismo (UEPB).

Ramon Correia Costa

Graduando do 7º período do Curso de Comunicação Social-Jornalismo pela UFAM-Parintins. Atuou como monitor no Projeto de Extensão Cine & Vídeo Tarumã (seção Parintins) em 2019. Produtor audiovisual, cinegrafista, editor de vídeo e radialista. Participou dos projetos Canal Parintins Acontece, E-book: Luz & Poesia - Ensaio, Rádio na Comunidade, entre outros. Trabalha na Rádio Clube de Parintins.

Rosibel Xavier de Sousa

Acadêmica do 8º período de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. Foi bolsista de Iniciação Científica com as pesquisas intituladas "Estado da arte sobre alimentação de sociedades ameríndias do Baixo Amazonas/AM: um estudo bibliográfico amparado na Teoria da Comunicação" - 2017/2018 e "O espelho que não reflete: uma análise da representação feminina no portal amazonense "Em Tempo".

Sebastião José Nascimento de Souza

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Desenvolveu trabalho de conclusão de curso com a temática jornalismo literário, com ênfase no livro-reportagem no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ). Atuou como repórter do website Gazeta Parintins. Atualmente, é membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia - Nel-Amazônia e tem interesse em áreas como o webjornalismo, narrativas digitais, convergência, gêneros jornalísticos, multimídia e transmídia.

Táissa Tavares Guerreiro

Acadêmica do 8º período de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/Parintins). Atuou como monitora nas disciplinas Língua Portuguesa I, Língua Portuguesa II e Introdução ao Jornalismo. Possui pesquisas publicadas nas áreas de análise do discurso, adaptabilidade de plataformas digitais, transformações do rádio e folkcomunicação. Atua na área da comunicação com ênfase nas subáreas telejornalismo e produção de vídeo.

Willian Ythano Araújo Costa

Acadêmico do 4º período do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/Parintins). Participou como monitor da disciplina Realidade socioeconômica e política do Brasil. Atuou como estagiário em assessoria de comunicação na instituição Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), subseção de Parintins. Atualmente, é pesquisador de iniciação científica, com o projeto "Comunicação, Política e Internet: o uso do Facebook no desenvolvimento de campanhas eleitorais no município de Parintins em 2020".

Yasmin Monteverde

Acadêmica do 8º período de Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM-Parintins). Atuou como voluntária no Laboratório de Informática e na equipe de organização do INTERCOM Regional Norte/Parintins, AM. Participou dos projetos Jornal Laboratório Tupã News 2ª edição e Canal Parintins Acontece. Atualmente, desenvolve o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo trabalho analisa os aspectos da Comunicação, a Humanidade e a Consciência Verde.

Esta obra é um dos resultados do projeto “Oficina de Crônicas - Relatos da Pandemia”, contemplado pelo edital emergencial 001-2020-DPROEX-PROEXT/UFAM do Programa Atividade Curricular de Extensão (Pace), por meio da Pró-Reitoria de Extensão (Proext) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). A oficina foi realizada, remotamente, durante os meses de outubro a dezembro de 2020, com o objetivo de oferecer atividades acadêmicas aos estudantes do curso de Comunicação Social - Jornalismo, do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez/Ufam) durante a suspensão das atividades presenciais em decorrência da pandemia de covid-19.

No decorrer da oficina, foram ministrados conteúdos teóricos e realizados exercícios práticos que permitiram aos alunos explorar as diversas possibilidades de uso da língua portuguesa para redação de crônicas relacionadas à temática da pandemia. O aprimoramento das discussões e das práticas dos participantes culminaram nos trabalhos compilados e apresentados nesta publicação.

A execução do projeto evidenciou antigas limitações de acesso a tecnologias que persistem em rodear tanto alunos como professores na região do município de Parintins-AM. Contudo, apesar das dificuldades que desafiaram substancialmente o acompanhamento das atividades pelos participantes, foi possível notar as possibilidades que se abrem pelo uso dos recursos de ensino remoto como suporte alternativo e complementar para expandir a experiência de ensino-aprendizagem para além das salas de aula do ensino de graduação, desde que, primordialmente, tornem-se tecnologias estáveis, funcionais e economicamente mais acessíveis.



UFAM